

dealbar

Diretor: PEDRO CATALLO

Redação e Administração
Rua Rubino de Oliveira, 85
Correspondência: Caixa Postal 5739
São Paulo

A IDÉIA É COMO A GÔTA D'ÁGUA. PODE REFLETIR A IMENSIDADE.

ANO II

NÚMERO 8

SÃO PAULO, OUTUBRO DE 1967

Registro N.º 2.097

PREÇO NCr\$ 0,20

PROVOS - Rebelião branca em busca de um mundo melhor

HAPPENING HOLANDÊS

— As ruas de Amsterdã, na Holanda, ganharam novo colorido e estão em pé de guerra com o aparecimento dos **Provos**. Reunidos em grupos, aos sábados, esses jovens passam aos gritos de — Hai, Hai, Happening! Motivo suficiente para que a polícia a pé, de Volkswagen, a cavalo, de bicicleta e de cassê-tetes em punho invistam furiosamente contra os grupos que se dispersam e se tornam a reunir num processo contínuo até às quatro horas da madrugada, quando então a tranquilidade volta a reinar nas ruas, sem não obstante, deixar um saldo apreciável de feridos e presos.

Usando cabelos longos, idade que varia de 18 a 25 anos, vestindo calças compridas e claras em nada se diferenciam dos jovens parisienses, londrinos ou belgas. Porém, dentre os rebeldes do mundo inteiro têm o que se chama de consciência política: são libertários. Protestam contra um mundo absurdo e contra o sistema autoritário que o sustenta. Sabem por que protestam!

SABEM O QUE QUEREM!

— Os **Provos** apareceram no noticiário internacional por ocasião do casamento da Princesa Beatriz com o alemão Klaus von Amsberg, em junho de 1965. Revoltados com a idéia de que uma princesa holandesa desposasse um alemão que pertencera à juventude nazista, grupos de moças e rapazes munidos com bombas de fumaça tumultuaram a realização da cerimônia.

Ainda em junho houve em Amsterdã uma passeata de 5.000 operários que saíram à rua para protestar contra a retenção de 2% dos salários de férias dos trabalhadores não sindicalizados, anunciada pelo Governo. Houve choques com a polícia e um trabalhador morreu. No dia seguinte os **Provos** ofereceram sua solidariedade e saíram à rua para lutar contra a ordem burguesa e sua polícia.

O movimento dos **Provos** tomou tal proporção que provocou a demissão do chefe de Polícia de Amsterdã, o Prefeito está demissionário e o próprio Ministro das Relações Exteriores é o próximo da lista. Porém a população está aceitando os **Provos** com extrema simpatia, tendo assim que nas recentes eleições, sem campanha organizada, sem lançamento oficial, eles conseguiram 13.000 votos para seus candidatos. Cada **Provo** preso recebe vasta correspondência e a Rainha convocou psicólogos sociais para estudar o fenômeno.

ALGUMAS OPINIÕES —

Irene Van Weetering, casada com Jan Heim Doner, campeão de xadrez da Holanda, define os **Provos** como um movimento dos países desenvolvidos, onde não há fome mas onde falta o interesse humano. As aspirações dos **Provos** são de humanizar a vida dos holandêses dando-lhes liberdade de agir, falar, pensar e ser. Não há mais proletariado na Holanda por causa da mentalidade de con-

fôrto que surgiu. Os trabalhadores hoje são burgueses e é neste clima que foi possível o surgimento dos **Provos**.

«Na Holanda fazer uma revolução seria impossível. Pela própria burguesia que não a admitiria. Mas nossos objetivos evolucionistas, uma revolução pacífica — isto atingiu o povo no seu centro. Hoje os **Provos** são um grupo de pressão, formado por vezes individuais, cada um defendendo suas próprias idéias».

Voltando à definição de

responsabilidade — perante si e o resto da família. Como dizia André Gide em 1894 — «as leis e regulamentos de conduta são essencialmente para a fase de infância. A educação é uma emancipação». Esta emancipação do indivíduo ainda é mal aceita na Holanda. Mal compreendida e por isto logo tachada de anarquismo.

Na revista **MANCHETE** nº 742, Bernard de Vries, pertencente ao movimento assim se expressa: — «Nós, **Provos**,

Bulkuizen escreveu uma tese sobre os disconformes e às vezes violentos jovens e os denominou de **Provocadores** ou **Provos**, que atacavam a autoridade para que ela revelasse sua verdadeira face. Um ano após surgiu outro grupo libertário entre os quais se encontravam van Duyn e eles decidiram aceitar o nome de **Provos** para si e para o seu jornal.

O OBJETIVO — Lou Van Ninwegen explica: — «Estamos infelizes com o mundo

informados da imprensa brasileira. Não acreditando em revoluções violentas para os países altamente desenvolvidos propõem medidas práticas e de aplicação imediata. Vejamos algumas das medidas:

a) **Bicicletas brancas** — É importante na Holanda o sistema de locomoção através de bicicletas. Existem perto de 500.000 nesse país. Na hora do rush Amsterdã se torna intransitável devido a ônibus e automóveis. Propuseram os **Provos** que 200.000 bicicletas fossem pintadas de branco e que pudessem ficar a disposição de qualquer pessoa que a quizesse utilizar. Deixando-a sempre destrancada no lugar final de sua utilização para que outra pessoa pudesse utilizá-la. Em suma, propriedade coletiva das bicicletas. Melhora do tráfego no centro da cidade. Eliminação das descargas de gasolina que infestam as cidades. Propuzeram e executaram! Porém os trusts de fábricas de bicicletas caíram ferozes sobre a iniciativa. Revelando a face cruel do sistema capitalista.

b) **Plano das chaminés brancas** — Instalação de filtros nas chaminés de todas as fábricas situadas na periferia das cidades para eliminar a poluição do ar.

c) **Os frangos brancos** — «Frango branco» em gíria holandesa é polícia. O plano propõem que os policiais devam andar desarmados, sua função deve ser protetora e não repressiva. Em sua função social seriam munidos de uma galinha para os que tem fome, de medicamentos de primeira urgência, de pílulas anticoncepcionais, de laranjas para os que precisarem de vitaminas.

d) **O plano das casas brancas** — O problema da habitação na Holanda é grave. Aconselham os **Provos** uma distribuição mais equitativa das habitações disponíveis. Os estudos que fizeram revelam que existe disponível um número de quartos iguais ao número de habitantes, mas que estes quartos são mal distribuídos. Segundo os **Provos** ninguém deve morar em casa grande ou pequena demais.

e) **O plano das espôsas brancas** — Este plano baseia-se em saber viver em família respeitando todos os seus membros. O planejamento familiar com a criação de centros médicos que forneceriam todas as informações sexuais para casados e solteiros. Direito das pessoas solteiras e casadas terem filhos ou não.

Outro ponto defendido é o de que a mulher holandesa não deve ter mais de dois filhos.

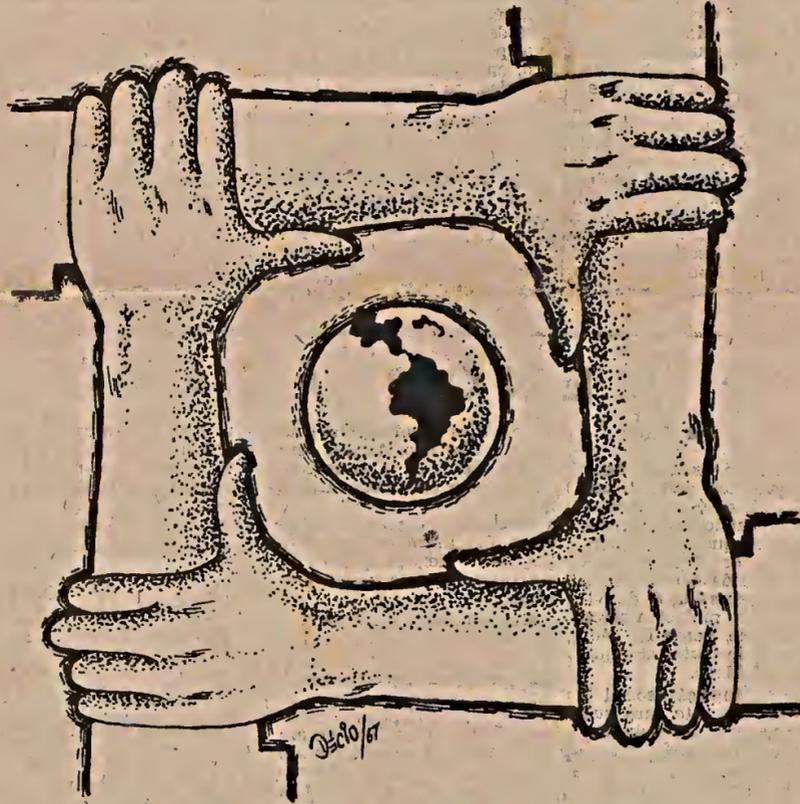
ALASTRA-SE O MOVIMENTO — Iniciado na Holanda o movimento conta com fortes simpatias populares e alastrou-se rapidamente a outros países como Itália, França, Inglaterra, Bélgica etc.

Alguns congressos já foram realizados, entre outros o da Itália nos dias 24, 25 e 26 de dezembro na cidade de Milão. Descrito pelo jornal **Il Giorno** de 27/12/66 como: «uma sessão pitoresca e multifacética de barbudos e cabeludos, blusões coloridos e extravagantes, mocinhas pálidas de olhos abstratos, cantos de protesto etc.; mas na essência uma forte tensão moral e grande seriedade nos debates e resoluções. Sobre tudo quando o tema tratado foi a luta anti-fascista em relação a atual situação da Espanha».

O Congresso terminou com um movimento de protesto junto à embaixada da Espanha, com lutas e correrias e mais polícia que tentava inutilmente impedir a manifestação. Vários manifestantes foram detidos e um imenso «garrote», instrumento bárbaro de suplício utilizado na Espanha, foi deixado à porta da embaixada franquista.

REBELIAO DA JUVENTUDE ATUAL

— Ninguém pode ficar indiferente ao movimento de rebelião da juventude atual. Em diferentes faixetas indo desde os **beatniks**, **nozens**, **teddy boys**, **mangupi**, **rockers stllagl**, até os blusões negros. Atingindo todos os países indiferentemente ao seu desenvolvimento econômico. Encontrados nos países da cortina de ferro e no mundo capitalista. Nos países desenvolvidos e sub-desenvolvidos. Atingindo as Universidades Americanas com os movimentos contra a guerra do Vietnã, com frases e disticos que afirmam: Façam o Amor, Não a Guerra! Na distribuição de manifestos antimilitaristas nos quartéis, no uso da resistência passiva e no movimento de objeção de consciência. Apresentando alta conscientização política como os **Provos**, que sabem o que não querem e sabem o que querem. Atingindo os perseguidos **beatniks** que apenas sabem o que não querem: a sociedade capitalista, mas não sabem o que querem. Este movimento será objeto de nossa parte de uma análise em sucessivos trabalhos a serem publicados em **DEALBAR**.



«Estamos infelizes com o mundo em que vivemos».

Provos, Irene afirma que o movimento, embora tenha nítidas tendências esquerdistas — e o seu apelo — é nada tem de comunista. «Somos contra qualquer que seja a autoridade, o que nos desclassifica automaticamente da órbita bolchevista. Acreditamos, não obstante, na sociedade coletiva. Se cada um tivesse a liberdade e a responsabilidade de ação, isto poderia inclusive suprimir as guerras para sempre. Pois se você deixar as decisões ao povo na rua — nunca haverá guerras!»

Os **Provos** tem consciência de que o movimento ainda é muito jovem e as idéias parcialmente imprecisas, este segundo fator considerado benéfico, pois se houver qualquer que seja a estruturação surgiriam os líderes, a idéia inicial do individualismo se perderia.

Para Irene Van de Weetering é na educação que está a chave da explicação dos **Provos**. Realmente, as crianças de hoje em dia são mais independentes, aprendem a pensar por si e têm mais liberdade de ação se as compararmos com as crianças que foram nossos pais e avôs. A vida de família aos poucos sofre transformações com cada membro adquirindo mais res-

sponsabilidade por excelência. Mas provocadores lúcidos e racionais. Queremos provocar tudo, até que a atual sociedade vá pelos ares. Somos contra o Estado, contra a Rainha, contra a autoridade. Por quê? Porque toda autoridade é cômica. Claro, no Conselho de Amsterdã vou me sentar na extrema esquerda. Mas isto não quer dizer que eu seja comunista, nem sequer socialista. Muito menos sou capitalista. Hoje, nas nações socialistas, quem não trabalha é tido como inimigo da sociedade. Nos regimes capitalistas, quem não trabalha morre de fome. Nenhum dos dois sistemas satisfaz a nós **Provos**. Sonhamos com uma sociedade em que o homem tenha liberdade total. O símbolo da atual sociedade é a automação, as máquinas que aos poucos vão substituindo o homem. Uma miragem universal vê o homem integrado apenas na sua vida espiritual. Mas não existe, no mundo de hoje, nenhum partido que apresente aos homens uma solução ou um caminho que possam seguir...»

O movimento teve origem num grupo de libertários, entre os quais estava o proeminente jovem Roel van Duyn, estudante de filosofia. O dr.

em que vivemos. Sentimos que algo deve ser mudado e para mudar o sistema em que vivemos hoje, só podemos querer seu oposto e é por isto que tomamos o ideal libertário como módulo. Os **Provos** não são um movimento contra uma pessoa ou instituição social. Provocamos a Polícia, pois ela é o expoente máximo do nosso sistema. Provocamos esta instituição para que o povo veja sua verdadeira face de violência e de corrupção».

«Somos libertários práticos, que repudiam toda violência. Em comum com os libertários clássicos, não admitimos líderes nem autoridades. Queremos a descentralização do poder. Não apenas os indivíduos devem ser responsáveis perante si e seu próximo, como cada região, cidade, bairro deve ser auto-governável».

O QUE PROPÕEM DE IMEDIATO OS PROVOS? —

É preciso ficar bem claro que os **Provos** são dotados de alta consciência política e social. Não são rebeldes sem causa. Sabem o que querem e o que não querem. Não podem ser identificados como simples badrneiros como o fazem certos jornalistas mal

SENSO POLÍTICO

Em política bem orientada, o essencial não é nutrir muitas idéias, mas saber, ainda que poucas, convertê-las em realidades úteis à comunidade.

Solidarismo na vida social brasileira

Em consequência do automatismo despersonalizador que caracteriza a sociedade em nossos dias, submetendo o homem a um nívelador mimetismo social, a vida de todos nós se desenvolve num ritmo de rotina, cada qual executando as suas tarefas em meio da azáfama do meio ambiente, com a atenção quase que apenas voltada para o ângulo de suas incumbências específicas, com limitações de visão do conjunto.

Tudo se vai fazendo, todos os mistérios vão sendo executados sob a pressão do imperativo da necessidade, da obrigação, de compromissos imediatos de ordem econômica, técnicas, profissionais, sociais, familiares etc., sem que estas atividades automatizadas exijam que a atenção se detenha no exame do objetivo exato do que se faz, do alcance dos resultados das labutas, e, principalmente, do aspecto social do entrosamento de todas as atividades.

Se não fosse essa a norma de vida de nossos dias, se as labutas do dia a dia não absorvessem as atenções, limitando-lhes o campo de observação, todos teriam a possibilidade de verificar que todas as atividades, formando núcleos organizados, se entrelaçam numa natural e espontânea entrosagem, para a movimentação de todos os setores de vida da sociedade em suas múltiplas modalidades — à margem do Estado, embora envolvidas pelos entraves de sua burocracia.

NAS LABUTAS PROFISSIONAIS

Pode-se dizer constituem exceção as atividades da sociedade brasileira cujos elementos não estejam agrupados em organizações das mais diversas modalidades, reunindo, com caráter civil ou sindical, as pessoas que labutam em misteres profissionais e técnicos, culturais e científicos, literários e artísticos, recreativos e esportivos; de assistência e de educação física e moral, de relações humanas além das de orientação filosófica, política, espiritualista etc.

Esse movimento desenvolve-se no Brasil, como em toda parte, em obediência à natural tendência de sociedade que anima a criatura humana em busca de conseguir sempre maior grau de possibilidades no convívio da sociedade.

Animada por esse princípio geral e impulsionada por imperativos sociais é que existem as agremiações que, como entidades cooperativas e sindicais, agrupam todos os setores da classe trabalhadora do Brasil, cujas unidades associativas se entrelaçam em federações e confederações, que se reúnem em assembleias, conferências e congressos municipais, estaduais e nacionais.

Tem essa organização a finalidade de patrocinar os interesses econômicos, profissionais, morais e sociais dos elementos que reúnem. Quando devidamente orientada, constitui igualmente sua finalidade precípua dedicar-se à obra educacional dos agremiados, bem como entrosar a reivindicação de seus interesses específicos com os da população de que fazem parte integrante.

De seu lado, o patronato também mantém organizações de cada um de seus setores na agricultura, na indústria e em outras atividades, reunidas igualmente em entidades federativas, que promovem conferências e congressos para tratar de seus problemas.

Esses movimentos de organização das atividades da classe trabalhadora, por iniciativa de seus próprios componentes (embora presentemente sujeita ao controle do Ministério do Trabalho), desenvolvem-se igualmente entre os elementos da profissão liberais, e dos técnicos, cientistas e artistas, como a seguir fica demonstrado.

Assim, aqueles que se dedicam ao ensino e à educação estão agremiados em organizações destinadas não apenas para a defesa de seus interesses econômicos, como também para tratar dos problemas especificamente profissionais, promovendo iniciativas de estudos, realizando conferências e congressos, lançando publicações e outros trabalhos com essa finalidade, sendo tudo isso de sua própria obra, sem a intervenção do Estado.

É o que exatamente também sucede com os elementos que, profissionalmente, desenvolvem atividades técnicas, artísticas e científicas, promovendo, nesse sentido, iniciativas animadas por princípios solidaristas, como, por exemplo, no trabalho em conjunto em laboratórios, ateliês e oficinas comuns, engenheiros, arquitetos, médicos, farmacêuticos, dentistas, na organização de exposições, mostras de arte, etc.

NO CAMPO DAS LETRAS, DA ARTE, DA CIÊNCIA.

Paralelamente a essa entrosagem das atividades de elementos que se agrupam principalmente por contingências profissionais, opera-se em outros setores igual movimento agremiativo sem nenhum intuito lucrativo, agindo, ao contrário, para o desenvolvimento de iniciativas de caráter solidarista em suas múltiplas modalidades.

Entre essas atividades avultam as que se dedicam à difusão da instrução, da educação e da cultura em geral.

Por iniciativa de instituições especialmente organizadas para esse fim, de agremiações trabalhistas ou de outro caráter, ou ainda, como obra de atividades individuais, fundam-se escolas por todo o País, diurnas e noturnas, algumas para o ensino profissional, existindo tradicionais estabelecimentos desse caráter em vários Estados. A campanha em prol da alfabetização desenvolve-se ativamente, sustentada pela iniciativa particular, fundando-se instituições para esse fim, algumas já com longos anos de serviços, que mantêm ou estimulam a criação de cursos noturnos, promovendo-se a coleta de livros escolares, cadernos e lápis (até usados), para serem distribuídos pelos necessitados.

Nos estabelecimentos de ensino, os estudantes mantêm seus grêmios, cuja finalidade é a ajuda mútua em múltiplas modalidades, cabendo aos centros acadêmicos também o patrocínio dos interesses estudantis. Há também as agremiações de antigos alunos que servem para mantê-los em contacto com suas passadas atividades escolares.

Em alguns dos grandes centros escolares do País existem as Casas dos Estudantes, que têm a sua finalidade indicada por sua denominação. Como todas as demais iniciativas, esta também é obra direta dos interessados, isto é, dos próprios estudantes.

Como elemento coordenador de suas atividades no mundo das letras, os escritores têm associações de âmbito nacional, estadual e locais, havendo também agremiações da mesma natureza em estabelecimentos de ensino e em outros ambientes.

São numerosos os grêmios literários existentes não somente nos grandes centros, como também em pequenas localidades.

Mantidos por organizações populares e por entidades especialmente constituídas para esse fim, há muitos ateneus e centros de cultura, que promovem, conferências, debates e outras iniciativas de caráter educacional.

Existem também bibliotecas fundadas por organizações trabalhistas e de outras atividades, ou por iniciativa de populações de cidades, de subúrbios e de bairros.

Ainda no campo da cultura, em mais amplo desenvolvimento, existem instituições tradicionais na vida do

país, figurando, entre outras, os Instituto Histórico e Geográfico, além de outras especialmente dedicadas aos estudos da astronomia e, mais recentemente, também dos estudos da astronáutica.

É cada vez maior a atividade que se desenvolve no Brasil, por obra da iniciativa particular, em todos os setores da arte.

Os militantes das artes plásticas, além das mostras periódicas, individuais ou conjuntas, organizam exposições permanentes. Como iniciativas de vulto, são promovidas as bienais, existindo os museus de arte em grandes centros.

No setor teatral a iniciativa particular desenvolve-se não somente no amadorismo, mas também no meio profissional. Entre os profissionais formam-se núcleos de artistas associados para a organização de espetáculos sem a interferência de empresários. Para a atividade do amadorismo formam-se grupos que chegam a preparar vários elementos artísticos, depois atraídos pelo setor profissional.

As agrupações de amadores promovem congressos regionais, na oportunidade dos quais são realizadas competições entre grupos procedentes de vários pontos do país.

Nesse setor são promovidos também cursos de arte teatral.

Para o desenvolvimento das artes da música e do canto, multiplicam-se as iniciativas por meio de grupos vocais e orfeões, de orquestras, conjuntos musicais e bandas, que se movimentam na organização de concursos, recitais e concertos.

O amadorismo na arte fotográfica também oferece oportunidade para demonstrações do valor da atividade particular, na organização de recursos estimuladores do esforço para um constante aperfeiçoamento e para a formação de novos valores, bem como na organização de exposições que patenteiam o alto grau de desenvolvimento adquirido nesse ramo de atividades artísticas, o que igualmente se comprova em suas publicações.

No meio folclorista ativam-se elementos esforçados no desenvolvimento de iniciativas para a divulgação e cultura do folclore em suas várias modalidades, promovendo-se por intermédio de suas organizações, festivais, exposições e demonstrações públicas.

NAS ATIVIDADES ESPORTIVAS E RECREATIVAS

Talvez seja no campo das atividades esportivas e recreativas onde a atuação particular se desenvolve com mais espontaneidade na promoção direta de iniciativas, que, não raro, se positavam em organizações de caráter permanente.

Entre os esportes, o futebol é, certamente, a atividade mais popular em todo o país. Desde as grandes cidades, nas quais os seus clubes se contam por dezenas, estende-se por toda parte, pelo interior afóra, encontrando-se campos futebolísticos nas pequenas localidades, na zona rural, em sítios e fazendas.

Muitas agremiações do meio futebolístico surgem de improvisações curiosas. Numa rua de bairro pobre, alguns rapazes improvisam uma bola com um pé de meia cheia de trapos e passam a pôr em perigo as vidraças das casas circunvizinhas. Depois, juntam os cruzeiros necessários para comprar uma bola de verdade e passam a jogar num terreno vago das vizinhanças, já de calções e camisas listradas. Inicia-se, assim, a vida de um novo clube, que começa a participar de jogos varzeanos e a fornecer jogadores aos clubes de categoria, entre os quais um dia poderá passar a figurar.

Essa é uma expressiva demonstração de quanto pode a iniciativa particular animada pelo imperativo do propósito, livre e espontâneo estabelecido, de ser levado a cabo determinado empreendimento.

Infelizmente, nesse setor das atividades esportivas o profissionalismo prejudicou sua característica de espontaneidade, além de sujeitá-lo a influências desvirtuadoras, a compra e venda de jogadores de um clube para outro, a exemplo do que se faz com cavalos de corrida ou de gado para o corte, como, ainda, envolvê-los em manobras de politicagem, o que é muito comum.

Entretanto, na maioria dos esportes e, principalmente, no atletismo, as atividades se desenvolvem na base do amadorismo espontâneo e liberto de intuídos lucrativos, promovendo torneios e participando de disputas internacionais, sempre na base da livre iniciativa.

No setor recreativo é característica a intervenção da iniciativa particular, com a promoção de atividades de várias modalidades, que, muitas vezes, se concretizam de clubes de existência permanente.

Os mais numerosos desses clubes são os que se destinam à realização de festivais dançantes, incluindo diversos deles em seus programas atos literários; outros para jogos de salão, principalmente bilhar e xadrez, que se encarregam da promoção de torneios, e ainda outros para promoção de festivais campestres, excursões e para caça e pesca etc.

Típicos, por seu feitiço familiar e da espontaneidade de sua organização, são os chamados «clubinhos por jovens e que se destinam à realização de reuniões dançantes em casas das famílias dos participantes, revezadamente. Cada moça encarrega-se de fornecer um «quitute», um prato diferente (bolos, bolinhos, salgadinhos, pastéis, etc.), ficando a cargo dos moços o fornecimento das bebidas (guaraná, gasosas e outros refrigerantes), improvisando-se a parte musical.

A manifestação recreativa de iniciativa particular que mais se destaca pelo seu feitiço popular e rumoroso é o Carnaval, no qual a dedicação e o esforço empregado na organização das modalidades de seu conjunto disputa a primazia ao entusiasmo pela perspectiva do gôso de um rápido período de fuga alegria.

A vida íntima dos clubes, dos ranchos, dos cordões e, principalmente das escolas de samba, desenvolve-se em ambientes às vezes de perturbante grotesco, mas que não chega a ofuscar a soma de esforços, de dedicações e até de sacrifícios pessoais dispendidos para que seja dado o maior brilho possível às exibições a serem apresentadas às multidões populares reunidas nas ruas durante o tríduo carnavalesco em busca de breves e raros momentos de alegria coletiva que lhe permite a trituradora engrenagem da sociedade.

Bem diz a canção carnavalesca tão divulgada pelas ondas hertzianas e pelo vídeo: «A gente trabalha o ano inteiro para fazer a fantasia, para tudo se acabar na quarta-feira...»

Nessa estrófe de uma canção melancólica e brejeira está expressada toda a soma de desforços, de sacrifícios que devem dispender os carnavalescos (homens e mulheres) para poderem figurar nos vistosos desfiles dos três dias de Carnaval. Devem economizar durante todo o ano a soma de cruzeiros necessária para adquirir a indumentária com que terão de se apresentar, bem como sujeitar-se a prolongados ensaios — para que, na quarta-feira, tudo passe a representar uma magoada recordação de um passado que é de ontem...

Edgard Levenroth

O MENOR ABANDONADO

Por Costa

Entre todos os problemas sociais que nos afetam, um dos mais sérios é o problema do menor abandonado. É uma chaga social que todos precisam combater. Não só por ser a origem da delinquência, mas pela necessidade de visar um futuro melhor a seres humanos, que, como tal têm o direito de desfrutar seu quinhão de felicidade.

A má organização social é fator preponderante para que esta chaga não só subsista, como prolifere e seja dia a dia, mais atuante.

O menor é um ser indefeso, e que sofre as influências diretas do meio em que vive. Se ele provém de um bom lar, bom no sentido humanitário, que lhe dê constantemente amor e carinho; que este lar o faça sentir-se querido; esta criança crescerá sob signo de responsabilidade, honesto para consigo mesmo e apto a cumprir suas obrigações para com os demais.

Mas, se pelo contrário, este menor foi criado por pais desajustados; se ele não tem amor; se ele vive ao relento, ou por outra, se ele é um ser abandonado, naturalmente vai se ressentir; vai sofrer as influências do que vê, sendo moldado pelos exemplos que observa. E como emérito imitador, copia o caráter dos que o cercam.

E aqui cabe a pergunta: o que é dado observar à estas crianças?

É simples. A criança tem uma lógica que ainda não foi condicionada à falsidade em que vive o adulto. O que ela vê é uma sociedade que desvaloriza os sentimentos. Uma sociedade que adora o Deus Dinheiro; que vai às igrejas e defende a guerra; que dá esmola a um pobre, mas não a oportunidade dele se recuperar. A tudo isso ela vê e não compreende.

No caso particular dos abandonados o problema é mais

sério. Eles vêm alguns com amor e eles não. Alguns com pais e eles não. Alguns com alimentos e brinquedos e eles não. Por que? e vem então a revolta! Tornam-se agressivos. Procuram compensar o que lhes é negado através da destruição do que outros possuem.

É aí que entra em cena a pseudo-justiça.

Ao invés de tratar os menores com carinho, com amor, como seres que precisam de proteção, ou até mesmo como injustiçados a caminho de um futuro melhor, não! Fazem o contrário. Tratam-nos como criminosos. Pegam-nos e os colocam em Casas de Corrupção, isto é, Casas de Correção, os SAMS, abrigos de delinquentes.

Esta instituição é algo que precisa de urgente reforma. Os menores que para lá são levados sofrem uma série de massacres: físicos, mentais, morais, etc. Fazem-lhes uma série de imposições, uma série de obrigações que pelo seu condicionamento anterior não estão aptos a assumir. E o que é pior: aplicam grandes castigos, que longe de ajudar, apenas brutalizam o corpo, embrutecem o espírito e os tornam ainda mais revoltados.

Ora, estas crianças quando conseguem sair do reformatório, ou antes disso, quando conseguem fugir, a única coisa que obtiveram foi um potencial tremendo de agressividade reprimida que precisa ser liberto.

Então se transformam em ladrões conscientes de estar fazendo o mal, se transformam em assassinos, em revoltados. Todo o «trabalho árduo» dos «reformadores» se perde.

Mas a solução é bem diferente. Seria necessário acabar com as casas correccionais e construir creches nas quais estes menores tenham oportunidade de desfrutar de trabalho e amor que lhes é negado. Que

eles tenham o amparo de que precisam. É necessário que eles adquiram a noção de liberdade e responsabilidade. Solução que nos dá Neill em seu livro «Summerhill». É a

moderna pedagogia a serviço da humanidade.

E, sobretudo; é preciso ter sempre em mente que «apenas o amor constrói para a Eternidade.»

A PALAVRA

Por Elsa Dubikin

Não entendo o diálogo da palavra ôca, da frase "social" e sem nenhum sentido, que cai e se desgarra como amarela fôlha arrancada no outono, da qual ninguém se lembra; fica solitária e perdida.

Não concebo, mas me rebelo contra o vadio falar estéril como semente sem germe, nem futuro

O que não ata, não une estreitamente as almas e os homens.

Almejo o intercâmbio de mensagens vivas como os galhos de braços estendidos em continuada espera, buscando sem desmaios a universal fusão,

Almejo o intercâmbio de mensagens vivas que são como as contas das pérolas brancas; como o doce canto de insígnias letanias.

«Livrando dos que dizem: Liberdade, Liberdade! e com más obras a des-troem.» (Palavras de um Crente; Padre «La Mennais»)

«Dealbar» anseia por re-venir a façanha de David contra o gigante Golias. Pequeno jornal, persevera em levar a privilegiados e a não privilegiados desconhecidos da realidade do mecanismo social, que não tenham a alma impermeável ao sentimento de Humanidade, o insensato e o desumano desse mesmo mecanismo social! Persevera indiferente a esse gigantesco «Robot» de jornais, revistas, rádios e televisão, mais instrumentos de propaganda comercial, de promoção de mediocridades de toda sorte, de propagação de péssimos exemplos e de

frivolidades, do que de esclarecimento e de difusão de cultura (o que, às vezes, atira para as caladas da noite), o qual persiste em defender esse mecanismo, em justificá-lo com toda a sorte de embuste, abusando da ignorância, nesse setor do conhecimento, de doutos e indoutos.

David venceu a Golias... e «Dealbar»?! — «Dealbar» é o nôvo David! A sua fundação é a forte vontade dos que o mantêm, e a sua pedra já desintegrada em fragmentos são as repulsões determinadas pelo antagonismo de interesses de indivíduos, de grupos, de classes, de Estados, nesse mecanismo social desarmônico, que jamais conseguirá livrar-se de greves, desordens, levantes, golpes e guerras! São trabalhadores contra empresários, estudan-

tes contra educadores, são negros contra brancos, brancos contra negros, são raças «superiores» contra raças «inferiores», são religiões contra religiões, seitas contra seitas, são subordinados contra superiores, governados contra governantes, são militares contra civis, são Estados contra Estados!

«Dealbar» vencerá! Vencerá por seu espírito «dibutzião», de fraternidade autêntica e universal, de autêntica

ca de imaturidade social dos povos.

«Dealbar» vencerá porque representa o espírito da sobrevivência da espécie humana, que sucumbiria se permanecesse a desordem dominante, já difícil de conter, apesar das forças que pretendem ludibriar os espíritos e das forças que tentam imobilizar os corpos. «Dealbar» vencerá porque é a encarnação da harmonia, portanto, da ordem autêntica da or-

Por Antonio Silva

Há poucos dias saíram nos jornais duas notícias. Uma dada pelo Senador Wayne Morse do Partido Democrata, e a outra teve origem nas estatísticas oficiais do Departamento de Estado Norte-Americano.

A primeira delas, apontou o Brasil, seguido da Argentina, da Venezuela e do Chile como os maiores beneficiários do financiamento de armas pelo Banco de Exportação e Importação dos Estados Unidos, financiamento este, cujo Senado autorizou, ao rejeitar uma resolução que o declararia ilegal. Só em 1966, e neste ano, disse Morse, o Brasil recebeu do Eximbank, créditos no valor de 43 milhões de dólares (116 bilhões de cruzeiros antigos) para a compra de armas e equipamentos militares; além disso recebeu outros 10 milhões de dólares (27 bilhões de cruzeiros antigos) do Pentágono para o mesmo fim.

Ao final o senador declara: o Brasil nos deve 1 bilhão e 600 milhões de dólares (4 trilhões e 320 bilhões de cruzeiros antigos) e o pagamento de tal soma é um dos maiores problemas que terá de enfrentar em futuro próximo. Não vejo como os brasileiros pagarão estas armas que já precisam ser substituídas.

A outra notícia diz que só em aviões derrubados pela artilharia anti-aérea do Vietnã do Norte e pelos guerrilheiros Viet-congs, os Estados Unidos já perderam este ano o equivalente a mais de 2 trilhões de cruzeiros antigos, o que corresponde quase ao total de arrecadação de impostos de renda de um país como o Brasil.

Segundo as estatísticas oficiais, os Estados Unidos perderam este ano 186 caças-bombardeiros a jato sobre o Vietnã do Norte, e mais 196 aparelhos sobre o Vietnã do Sul. Na maior parte os aviões abatidos eram do tipo «Phantom», cada um dos quais vale ao sair da fábrica 2 milhões de dólares.

Com o que eles perderam sobre o Vietnã do Norte em apenas 1 mês, seria possível custear todo o programa de exterminação dos ratos nos guetos negros das cidades americanas (um flagelo apontado como uma das causas do recente conflito). Este programa de 40 milhões de dólares foi rejeitado pelo Congresso, a título de economia.

Ora, meus amigos, depois desta, um sorriso de deseperança balla em nossos lábios.

Como é possível um país dar preferências a gastar em aviões de guerra que serão destruídos em um mês, a mesma quantia que poderia gastar em um programa de benefício social?

Nos últimos conflitos raciais em Detroit, morreram diversas pessoas, além do tremendo prejuízo financeiro por ele causado. Não nos preocupamos pelo dinheiro perdido em si, mas sim nos benefícios que ele poderia trazer. Quantas escolas não poderiam ser abertas? Quantos hospitais? Quantas pessoas morrem de fome? A miséria grasta em todo o mundo!

E o dinheiro vai bestamente em armamentos.

Incrível também é que no Brasil, um país sub-desenvolvido, um dos recordistas em atraso social, um dos países mais flagelados pela miséria do povo; incrível que este país gaste 70% de sua arrecadação em gastos militares! Sabemos das desgraças que que sofrem os nordestinos. Sabemos dos sofrimentos dos favelados. Do abandono em que se relegam os menores. Da falta de ensino, e etc.

Nós, aqui não falamos do que se gasta na Rússia, em Cuba, na Tchecoslováquia, e outros países também totalitário, porque infelizmente não dispomos de dados. Mas pelo que gastam os seus «mimigos» é fácil fazer um cálculo.

Que tremendo desperdício provocado por todos estes governos! Quantas horas trabalho! Quantas vidas!... Quanta ignorância!...

Se todos os povos do mundo, brasileiros, americanos, russos, alemães, enfim todos, não se unirem; se não se tornarem conscientes da realidade; se não tomarem uma resolução que dê fim a estas obscenidades, brevemente marcharemos para uma hecatombe mundial, em que o ser humano será exterminado.

Precisamos evitar que esta desgraça aconteça. Precisamos acabar com a Indústria da Guerra; não aceitar nenhuma autoridade neurótica.

A única instituição possível e necessária é o ser humano. É o homem vivendo em função do homem; enfim, é a sociedade fraternal.



Dealbar, o nôvo e pequeno Davi, derribará os modernos Golias que buscam tragar a pobre humanidade.

é natural apoio mútuo, que há-de impor-se, porque o esforço de Golias é, na realidade, embora pretenda mistificar, a expressão da desordem, que acabaria por tudo devolver ao caos, o que os povos acabarão por evitar, impelidos pela angustiante ameaça de permanente insegurança, diluindo e absorvendo os governos, que ficarão apenas como grotescos fatos históricos de uma época

dem natural, espontânea.

«Dealbar» viverá enquanto houver o caos social. «Dealbar» é como a Fênix da velha crença grega, que renasce das próprias cinzas. Quando «Dealbar» não ressuscitar, como a Fênix, é que as suas cinzas já se transformaram em cimento de imorredoura e dignificante solidariedade humana.

E os seres humanos serão, enfim, seres humanos...

Seraphim Porto

CENTRO DE CULTURA SOCIAL

O Laboratório de Ensaio contando com a eficiente colaboração do Grupo de Teatro das «Folhas de São Paulo», realizou na noite de sábado, 2 de setembro, um estu-pendo e divertido espetáculo teatral, com a representação da belíssima peça «ONDE ANDA A LIBERDADE».

A casa foi totalmente tomada por um público jovem e bem disposto que soube usufruir todas as oportunidades para externar esufiantes gargalhadas. A peça pode considerar-se um nutrido comentário em favor da liberdade, e também de protesto já que faz sentir ao público a necessidade de manter viva a liberdade como o melhor bem para o entendimento humano. Toda vez que a disfarçada ironia do ator principal fustigava os responsáveis incumbidos de zelar pelas liberdades públicas e que fazem delas uso pessoal ou partidário, encontrava o apoio e o entusiasmo do público que não regateava aplausos. A tessitura da peça «ONDE ANDA A LIBERDADE», entremeadada de um fino sarcasmo crítico que põe em relêvo a violência que se pratica contra e em nome da liberdade, foi hábilmente interpretada pelo grupo teatral das «FOLHAS DE SÃO PAULO» que sem ser composto por profissionais se houve bastante bem.

O ator principal, incumbido de comentar, distribuir e movimentar a peça, movimentou-se com naturalidade e segurança que pode considerar-se profissional. A canção foi singelamente interpretada por uma jovem que possui um fio de voz, porém, agradável, melodiosa e nostálgica. Saiu-se muito bem, assim como o moço que acompanhou-a ao violão. Seria uma falta de nossa parte não registrar aqui o desempenho sóbrio, discreto e preciso, do moço incumbido bombo, ou zabumba. Foi tão rigoroso em suas intervenções, tão preciso e oportuno que quase passou despercebido apesar de ser um instrumento retumbante e espalhafatoso. Parabéns ao bombeiro ou zabumbeiro, como queiram.

O elenco desse ajustado conjunto teatral que interpretou a peça: «Onde Andar a Liberdade», é o seguinte: Diretor, Lúcio Soares; roteiro, Bruno Liberati; Música, Haroldo Diniz; Iluminação, Nelson Romeiro; Intérpretes: Lúcio Soares; Leonor Castilho; Douglas Moura; Ana Maria; José Tavares; Zé Patara; Orlando Machado; Nivaldo Paiva e Maria do Carmo.

A segunda parte do programa foi preenchida pelo magnífico diálogo de Anton Tchecov: «CANTO DO CISNE». Tchecov retrata a reflexão que faz um velho ator que num momento de solidão relembra os longos anos passados de sua atividade artística. A recordação dos seus triunfos e dos personagens por ele interpretados, põem, na alma do pobre e velho ator, a tristeza fatal e inevitável do crepúsculo da vida. Reflete o eterno problema da velhice preso ao calendário do tempo que passa inexorável no destino de cada um.

O longo papel do Velho Ator coube a Ermínio Furlan, e Santos de Souza desincumbiu-se do papel do velho Ponto envelhecido na sombria concha do Teatro Popova. A direção esteve a cargo de Benedito R. Lara, todos eles integrantes do Teatro de Comédia.

Com este brilhantismo terminou este agradável espetáculo.

OS GUERREIROS

De Kopezky

Os integrantes do Laboratório de Ensaio estão entusiasmados com esta nova peça do nosso jovem companheiro Kopezky, que será representada no mês de outubro. Dela falaremos mais adiante.

CONFERENCIA — PARAPSIKOLOGIA

A parapsicologia foi o tema escolhido pelo nosso amigo e companheiro Francisco Ortega, para desenvolver a sua conferência, e o fez com entusiasmo e suficiência oriunda dum curso recentemente por ele terminado. Esta ciência, relativamente nova e por isso controversa, está tomando corpo e ascendência em todo o mundo porque dela participam grande número de cientistas e investigadores de renomada importância internacional.

Francisco Ortega soube conduzir a sua palestra, por quase duas horas, com clareza e persuasão, adivindo exemplos, confrontando escolas e estimulando o público que no final da conferência crivou-o de perguntas.

Esta bellissima noitada teve a contribuição brilhante do nosso admirado amigo Dr. Vivaldo Simões, médico psicanalista e psiquiatra, que teve que retirar-se em seguida porque participaria de um programa de televisão, onde desenvolveu, com a competência que lhe é peculiar, uma preciosa aula sobre o mecanismo cerebral, relacionado ao sono. Inquirido pelo orientador do programa, o Dr. Vivaldo teve oportunidade de dar a conhecer ao telespectador do canal 2, o seu profundo conhecimento acerca da nomenclatura cerebral. O processo do descanso, do sono e particularmente dos sonhos, foi por ele tratado com a competência de psicanalista e psiquiatra que é, com toda a beleza e encanto do humanismo que se abriga em seu espírito profundamente altruísta.

O Centro de Cultura Social sentiu-se honrado com a visita de Francisco Ortega e do Dr. Vivaldo Simões. Dado o sucesso que alcançou esta conferência, Francisco Ortega foi convidado a prosseguir em suas palestras que serão por nós oportunamente divulgadas.

Luta pela paz é reivindicação número um dos trabalhadores de todo mundo

IDA VIANA

Um dos discursos mais aplaudidos por ocasião das comemorações do Dia do Trabalho foi o da vereadora IDA VIANNA REGO, do qual extraímos o seguinte trecho para publicação:

«Senhor Presidente! Senhores Vereadores!

Celebrou-se, no dia 1º de Maio, em todo o universo, o Dia do Trabalho, o dia da solidariedade dos trabalhadores. Como mulher, como ardorosa feminista, não poderia deixar, nesta oportunidade, de ressaltar que deve-se à mulher, a divisão do trabalho. Como assinala o cientista Gordon Childe, o homem, no início da história, tinha as suas atividades ligadas à caça e pesca e era destinado à mulher cuidar dos cativos, das atividades domésticas e dos primeiros trabalhos de artesanato. Naquela época, então, como mostrou o cientista inglês, no processo histórico, a divisão do trabalho principiou.

Mas, tecidas essas rápidas considerações históricas, sobre a origem da divisão do

trabalho, voltemos a falar sobre a festa do trabalhador. Este ano, como nos anteriores, o 1º de maio é comemorado por milhões de obreiros e pelas massas populares, em meio a uma dura luta pelo pão, a liberdade, a emancipação nacional e a paz.

Ao reunir-se em todos os países e em todos os recantos do mundo para comemorar a festa do 1º de maio, os trabalhadores realizam um balanço de sua luta, dos êxitos alcançados ou das possibilidades não aproveitadas, medem o caminho percorrido para traçar em comum as novas tarefas e aplainar o roteiro futuro.

Esta análise firma ainda mais a sua convicção de que, quaisquer que sejam, o país e as condições em que se encontram, as diferenças em suas reivindicações particulares e as formas e métodos de luta, a todos congrega a mesma exigência vital:

A PAZ

ENTRE OS POVOS!

A todos sustenta a mesma força de coesão: a unidade e

a solidariedade internacional na luta contra o explorador comum, contra o opressor comum.

O movimento pela paz, com todas as suas nuances empolga e conquista novos setores da população e mobiliza os que permaneciam passivos ou indiferentes, ante as ações contra a guerra, pois cada dia é mais evidente esta verdade: a guerra termo-nuclear converterá em montões de ruínas os centros vitais de nosso planeta.

Mas os imperialistas não depõem as armas e nem cessam de fabricá-las.

O heróico povo do Vietnã sofre a mais desapiadada agressão e desperta a simpatia e admiração do mundo inteiro. Não obstante, no estado-maior da OTAN elabora-se o plano de uma força atômica multilateral, sabota-se a conclusão de um acordo razoável na ONU e o perigo, por conseguinte, não foi conjurado.

Os operários, as massas trabalhadoras em geral, compreendem e devem compreender ainda melhor que, para sobreviver, para acabar mais cedo possível com a exploração em todo o mundo, é preciso pôr um freio ao imperialismo, tornar impossível o de-

sencadeamento de uma guerra termo-nuclear.

A luta por melhores condições de vida, está indissolúvelmente ligada à luta pelo desarmamento. E este é um fato que os trabalhadores puderam compreender por sua própria experiência, pois sabem que enormes recursos são gastos hoje, improdutivamente, em armamentos de todo o tipo, para sustentar enormes exércitos e máquinas militares. Quem paga são precisamente os trabalhadores, os povos. Se os recursos fossem utilizados em um trabalho produtivo, fecundo, pacífico, em benefício do desenvolvimento da economia, mudaria a vida dos habitantes na face do globo, tanto nos países mais evoluídos, como nos subdesenvolvidos!

O triunfo total da política do desarmamento e da coexistência pacífica, ao livrar as populações do perigo de serem aniquiladas, daria um poderoso impulso à luta emancipadora de toda a humanidade, contra a miséria, contra a fome.

Por conseguinte, a luta pela paz é hoje a reivindicação número um dos trabalhadores de todo o mundo. Sobre este denominador comum, sobre esta base, podem ser estabelecidas e consolidadas, sem sombra de dúvida, a mais ampla aliança e uma autêntica solidariedade internacional. Elas são fundamentais ao êxito da luta pela paz, pela libertação e a independência nacional, pelo progresso social e econômico do mundo!

Da «Tribuna do Cacau» Itabuna-Bahia

Nós precisamos de seu tempo: Queremos que V. leia dealbar inteirinho

Nós precisamos do seu dinheiro: Queremos que V. dê uma contribuição para que dealbar continue saindo

O Dealbar não tem preço: Dê quanto V. acha que ele vale Ou quanto V. possa dar.

AVISO IMPORTANTE

Para evitar transtornos toda correspondência e valores devem ser dirigidos em nome do Diretor.

A ESCOLA MODERNA

Nos dias de inquietação estudantil que estamos atravessando em que legiões de moços batem-se corajosamente para conquistar o direito de estudar, vale a pena recordar uma página imortal da história universal do ensino. Temos absoluta certeza que as gerações modernas de estudantes, ignoram por completo que certos processos escolares atuais assim como certas regalias de respeito à integridade pessoal do aluno, tiveram, como Patrono Martí, o fundador da Escola Moderna Racionalista, Francisco Ferrer y Guardia, sacrificado por um conluio militar-clerical na sempre despótica e tirânica Espanha. Confiamos em que as revisões históricas empreendidas pelos papas modernos em seus Concílios Ecuemênicos, reconheçam em Francisco Ferrer y Guardia, a mesma inocência e inculpabilidade que recentemente reconheceram no sábio astrônomo Galileu Galilei.

Nos lúgubres porões do fatídico Castelo de Montjuich, em Barcelona, no dia 13 de Outubro de 1909, ao grito de «VIVA LA ESCUELA MODERNA», caía fulminado pelas balas assassinas do pelotão de fusilamento mais um mártir da ciência a serviço da liberdade e da justiça social.

Francisco Ferrer y Guardia, fundador da Escola Moderna Racionalista, pagava com sua vida o amor e o carinho que dedicava às crianças, formulando novos e revolucionários processos de educação e ensino pedagógico. A sensibilidade humana que se abrigava na alma de Ferrer não se ajustava à rigorosa disciplina e aos castigos infligidos aos escolares da época. Ele entendia que a criança traz dentro de si qualidades positivas e negativas que lhe devem ser respeitadas e conduzidas e não simplesmente combatidas e reprimidas por professores que seguem cegamente os rígidos cânones da disciplina clássica escolar que se baseava no rigor e na força.

Outro ponto importante do pensamento de Ferrer era a coeducação de ambos os sexos em classes mistas, onde a menina estivesse em igualdade de condições como primeiro passo para a emancipação da mulher, que, como é sabido, só recentemente vem ganhando fôros de cidadania. As classes mistas na Espanha e outros países latinos, constituíam verdadeiras temeridades em consequência da situa-

ção de inferioridade em que estava submersa a mulher. Este critério de inferioridade da mulher, era perfilhado até pela própria igreja católica que somente depois do ano 1200, num consílio de Bispos, concedeu e reconheceu a alma na mulher. O mesmo erro a igreja o repetiu com os escravos aqui no Brasil, aos quais não permitia assistir missas e nem confessar, por se lhe atribuir ausência d'alma.

Pode, destarte, avaliar-se a ousadia de Ferrer em querer

tar-se fora das paredes de sua casa; deveria esse raio concluir onde chega e termina a Sociedade. Mas para que a mulher possa exercer a sua ação benéfica, não se lhe há de converter em pouco menos do que em ZERO os conhecimentos que lhe permitidos. Deverão ser em quantidade e qualidade iguais aos que se proporcionam aos homens. A ciência penetrando no cérebro da mulher a iluminaria, dirigindo certamente o rico filão dos seus sentimentos, inesplorados até

em estar, com a contribuição do forte e impulsivo sentimento da mulher no conhecimento da ciência». Assim justificava Ferrer a inclusão das classes mistas em sua escola, consideradas então como heréticas e imorais. Ele via na coeducação uma forma de valorizar a personalidade da mulher que estava relegada a planos secundários.

E assim, no dia 8 de setembro de 1901, com um efetivo escolar de 30 alunos, 12 meninas e 18 meninos, inaugurava-se na Espanha a primeira «Escola Moderna Científica Racionalista», fundada pelo professor humanista Francisco Ferrer y Guardia. Em virtude do princípio de que a escola deve estar inteiramente a serviço dos alunos, onde estes devem receber todo o amparo e todo o estímulo ao livre desenvolvimento da sua formação moral e física, a nova pedagogia Racionalista de Ferrer não distribuía prêmios e nem infligia castigos. Constava do programa também, a não realização desses costumeiros exames de fins de anos que coloca os alunos numa acirrada competição, cujos resultados trazem, quase sempre, funestas consequências de ordem psíquica para um grande número de alunos.

O curto espaço deste artigo não comporta o exame dos fundamentos humanos que levaram Ferrer a elaborar uma nova pedagogia isenta dessas modalidades ainda em uso no ensino oficializado. Mas basta lembrar que um grande número de pessoas internacionalmente ilustres, foram considerados péssimos alunos nas escolas de ensino comum, chegando mesmo a expulsão de alguns deles. O ensino Racionalista criado e preconizado por Ferrer, mesmo depois de seu fusilamento, difundiu-se largamente em todo o mundo e adotado em muitas escolas particulares. Aqui mesmo em São Paulo, houve várias. Um grande gênio, magestoso e imponente que se ergue no bairro do Belém, na Avenida Celso Garcia, teve seu início em 1912, como Escola Moderna N° 2. O seu fundador foi o nosso grande amigo e companheiro professor João Penteado, recentemente falecido.

Ao se completar 58 anos do fusilamento de Francisco Ferrer y Guardia, DEALBAR presta a sua modesta homenagem a esse grande educador fundador da Escola Moderna Científica Racionalista.

Pedro Catalo



FRANCISCO FERRER Y GUARDIA
Fundador da Escola Moderna Racionalista

ministrar os mesmos ensinamentos a meninos e meninas quando isto contrariava frontalmente os usos e costumes da época. Quando Ferrer inaugurava, quase clandestinamente, as aulas mistas na Espanha, inaugurava também no setor do magistério, a luta pela emancipação feminina.

Num de seus livros que temos sobre a mesa pode ler-se quanto segue:

«A mulher não deve estar reclusa no lar. O raio de de suas atividades deve dilata-

hoje». Para avaliar em sua devida proporção este pensamento de Ferrer, é preciso levar em conta que fora escrito há mais de 60 anos, quando preconizar a igualdade da mulher equivalia a uma subversão da moral estabelecida. É da mesma página que extraímos também o seguinte trecho: «A humanidade melhoraria com mais aceleração, marcharia com passos mais firmes e constantes na ascensão do progresso, e centuplicaria seu

dealbar



Ano 2 - Número 8 - OUTUBRO DE 1967 - Preço N Cr\$ 0,20

Autoritarismo

ERICH FROMM

(continuação do n. anterior)

Parece que esta tendência para a gente se tornar o senhor absoluto de outra pessoa é o oposto da tendência masoquista, e fica-se perplexo ao como essas duas tendências são tão intimamente associadas. Não há dúvidas quanto as suas consequências práticas, que o desejo de ser dependente ou se sofrer é o contrário do desejo de dominar e de fazer outros sofrerem. Psicologicamente, todavia, ambas as tendências são resultantes de uma necessidade básica, oriunda da incapacidade de suportar o isolamento e a fraqueza do próprio eu. Proponho que se denomine o objetivo comum à origem tanto do sadismo quanto do masoquismo de **simbiose**. A simbiose, nesta acepção psicológica, significa a união de um eu individual com outro eu (ou com qualquer outra força extrínseca ao próprio eu), de maneira tal a fazer cada um perder a integridade do próprio eu e a torná-lo completamente dependente um do outro. A pessoa sádica precisa de seu objetivo tanto quanto a masoquista precisa do dela, só que ao invés de procurar segurança pelo fato de ser absorvida ela a conquista absorvendo outrem. Em ambos os casos, a integridade do eu individual se perde. Num caso eu me dissolvo em uma força exterior; no outro, eu me amplio fazendo de outro uma parte de mim e, por conseguinte, adquiro o vigor de que careço como um ego independente. É sempre a incapacidade para suportar a solidão do eu individual que conduz ao impulso para entrar em uma relação simbiótica com outrem. Isso deixa patente porque as tendências sádicas e masoquistas estão sempre combinadas entre si. Conquanto na superfície pareçam contraditórias, estão essencialmente implantadas na mesma necessidade básica. As pessoas não são sádicas ou masoquistas, porém ficam oscilando constantemente entre o lado ativo e o passivo do complexo simbiótico, de modo que muitas vezes é difícil decidir qual o lado que está agindo num dado momento. Em ambos os casos a individualidade e a liberdade são perdidas.

Quando pensamos em sadismo, comumente pensamos no caráter destrutivo e na hostilidade que tão flagrantemente ligados a ele. Por certo, uma dose mais ou menos grande de destrutividade é sempre encontrada nas tendências sádicas; isso, porém, também se aplica ao masoquismo. Toda análise de traços masoquistas revela essa hostilidade. A diferença capital parece ser a de que no sadismo a hostilidade é geralmente mais consciente e mais diretamente manifestada em ações, ao passo que no masoquismo ela é sobretudo inconsciente e expressa-se indiretamente. Procurarei mostrar, mais tarde, que a destrutividade é o resultado da deformação da expansão sensorial, emocional e intelectual do indivíduo; deve-se, portanto, contar com ela como uma decorrência das mesmas condições que propiciam a necessidade simbiótica. O ponto que quero enfatizar aqui é que o sadismo não é idêntico à destrutividade, apesar de estar em grande parte combinado com esta. A pessoa destruidora quer destruir o objeto, isto é, aniquilá-lo e livrar-se dele; o sádico quer dominar seu objeto e, por isso, sofre uma perda caso este desapareça.

O sadismo, conforme empregamos o nome, também pode ser relativamente isento de destrutividade e imbuído de uma atitude amistosa para com seu objeto. Esta espécie de sadismo «afetuoso» encontrou sua expressão clássica em **Ilusões Perdidas**, de Balzac, uma descrição que também dá idéia da qualidade especial daquilo que temos em mente quando falamos da necessidade de simbiose. Nessa passagem, Balzac descreve a relação entre o jovem Lucien e o prisioneiro de Bagno, que se faz passar por abade.

Pouco após ter travado conhecimento com o rapaz, que acabara de tentar o suicídio, diz o abade: «...Este jovem nada tem em comum com o poeta que acaba de morrer. Eu recolhi você, dei-lhe a vida, e você me pertence como a criatura pertence ao criador, como — nos contos de fadas orientais — o Iffit pertence ao espírito, como o corpo pertence à alma.

Com mãos poderosas hei de mantê-lo no rumo certo para o poder; prometo-lhe, não obstante, uma vida de prazer, de honrarias e festas intermináveis. Nunca lhe faltará dinheiro você brilhará e fará sucesso, enquanto eu, vergado sob o peso dos esforços, aguentarei o brilhante edifício de seu sucesso. Eu amo o poder por amor ao poder! Sempre gozarei os seus prazeres, embora tenha de renunciar a eles. Em suma: serei uma só e única pessoa consigo... Amarei minha criatura, amoldá-la-ei, afeiçoá-la-ei a meus serviços, de modo a amá-la como um pai ama o filho. Andarei a seu lado em seu fiacre, meu rapaz, decidi-me-me com seus êxitos com as mulheres. Direi: eu sou este belo rapaz. Eu criei este Marquês de Rubempré e coloquei-o em meio à aristocracia; seu sucesso é meu produto. Ele é mudo e fala com minha voz, segue meus conselhos em tudo.

(continua no próximo número)

EMULAÇÃO E RESISTÊNCIA OPERÁRIA EM CUBA

A ditadura cubana deu à publicidade os prêmios que se distribuirão aos operários que, praticando o desumano sistema da «tarefa stajnovista», consigam vencer na «emulação socialista». Esta emulação não consiste somente em forçar os trabalhadores a produzir mais em cada jornada de oito horas de serviço, mas obrigá-los a que trabalhem gratuitamente de dez a doze horas diárias, renunciando, ainda, ao descanso dominical, aos feriados e às férias legais. Apenas assim se faz juiz ao diploma de «trabalhador» de vanguarda e se pode aspirar a um dos prêmios da emulação marxista-leninista.

Ao anunciar tais prêmios o ministro Basílio Rodriguez cuidou-se de silenciar o verdadeiro motivo que os inspira. Esse motivo não foi outro senão a comprovação do baixo rendimento da mão-de-obra proletária. A produtividade «hora-homem» e «jornada-produção» foi caindo progressivamente até chegar ao extremo de se necessitarem três homens para realizar o mesmo trabalho que antes realizava um só. Trata-se, pois, de generalizado movimento de resistência operária, de sabotagem silenciosa, mas decidida, das massas trabalhadoras de Cuba, que se negam a produzir com a mesma eficiência anterior, como forma passiva de externar seu protesto contra os moldes opressores do comunismo.

Toda a filosofia do marxismo, toda a habilidade empregada pelo regime e todo o aparato de terror implantado em Cuba, copiados da experiência soviética, quebraram-se de encontro à inquebrantável decisão do proletariado cubano.

Em três oportunidades sucessivas (abril de 1962, fevereiro de 1963 e agosto de 1964) tiveram que modificar as regras da emulação. Agora, diante do balanço do quarto Regulamento da Emulação, comprova-se que os estímulos, quer em dinheiro, quer em viagens aos países socialistas e os títulos honoríficos, não despertavam nenhum interesse entre os trabalhadores cubanos. Em Cuba nada adianta possuir algumas centenas de pesos, pois nada se pode comprar de uso pessoal ou familiar, estando as principais mercadorias severamente racionadas pelo regime das «duas cadernetas». Por outro lado, ninguém pretende ganhar uma viagem à suposta «pátria do proletariado», pois, conforme os operários que já gozaram essa distinção, mais do que um prêmio, essa viagem é verdadeiro castigo. Apesar do controle policial de seus passeios e visitas, por toda parte se desiludiam ante os quadros de miséria e exploração que contemplavam. Enquanto a títulos, diplomas, medalhas, elogios verbais e aplausos jornalísticos — com cujas honrarias seria demonstrada a elevada moral e o rendimento do novo homem socialista — o operário cubano compreendeu

que tudo não passava de papelada para envolver a pobre demagogia da exploração totalitária.

Diante dessa evidente e incontestável repulsa proletária, decidiram suprimir os prêmios.

Agora, segundo o anunciado pelo ministro Basílio Rodriguez, os prêmios serão classificados em três níveis. No nível de unidade serão entregues rádios, painéis de pressão, fogões a gás, lâmpadas, ferros elétricos, câmaras fotográficas, férias pagas e artigos de uso pessoal ou familiar.

No nível de região serão distribuídas máquinas de costura, rádios de ondas curtas, relógios, bicicletas, colchões de molas, ternos, móveis e artigos similares, além das férias pagas. A nível de província os prêmios serão refrigeradores, televisores, móveis, câmaras fotográficas, motocicletas e artigos similares, além das férias pagas.

A ditadura comunista, ao anunciar tais prêmios, obviamente está anunciando que esses artigos não estão ao alcance do trabalhador cubano, pois até as férias pagas — grande conquista de outros tempos — foram suprimidas por decisão forçada dos aterrorizados dirigentes sindicais.

OS ANTICOMUNISTAS... E O ANTICOMUNISTA

(Conclusão do número anterior)

Estes setores, dada sua ignorância política, ingressam geralmente em partidos que controlam o governo ou que influem na sua composição; são elementos muito úteis à estratégia comunista, pois sua ação possibilita a infiltração destes, conseguindo uma política governamental que lhes é favorável. Estes setores, essencialmente indefinidos, tampouco poderão — por seu modo de ser — definidos como anticomunistas. Não pode haver definição do indefinido. Aproveitando sua vaidade, os comunistas coibem-nos pelo elogio fácil.

Como corolário desta análise, vejamos outro aspecto importante do comunismo marxista: considerando o homem em estado de alienação, frustrado, que não encontra o que busca, o que torna suscetível de acomodar-se ao domínio dos prosélitos, que o convencem com a miragem da panacéia de sua propaganda. Esta alienação facilita a dialética do comunismo, quando o homem premido por suas necessidades é dócilmente manejado na «guerra subversiva». Ao considerar frustrados os homens, o comunismo — para quem a finalidade do homem é trabalhar — incrusta-se em

em todo problema humano procurando aproveitar as dificuldades para a conquista do poder político.

O anticomunismo deve diminuir as frustrações humanas através de necessárias realizações econômico-sociais de um lado, permanecendo alerta para deter a violência expansiva vermelha. Falando de outra forma: a tarefa do anticomunismo é tirar fora da realidade ao comunismo, antes que o peso da lei lhes dê pretêxo de aparecerem como mástires ou heróis.

Assim, o anticomunismo autêntico e sincero, que por certo não é uma doutrina, mas uma aglutinação de credos em uma Frente Comum Libertária que concebe o homem livre e moral. Portanto, o anticomunismo é definido e composto de doutrinas definidas. Os partidos amorfos, eleitores e indefinidos não podem definir-se em definições que implicam o risco da popularidade, quando a justiça e a liberdade assim o querem; ao contrário, o anticomunismo, baseia-se em concepções políticas categoricamente definidas.

Agustín Candia